



---

**FAZERES CIBERCULTURAIS PATAXÓ NO/DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA****KIJĚTXAWĚ ZABELÊ**

---

**PATAXÓ CYBERCULTURAL ACTIONS IN/OF THE INDIGENOUS STATE COLLEGE KIJĚTXAWĚ****ZABELÊ**

---

**ACCIONES CIBERCULTURALES DE PATAXÓ EN/DEL COLEGIO ESTATAL INDÍGENA****KIJĚTXAWĚ ZABELÊ**

---

Aelsio Pereira de Almeida<sup>1</sup>  
Paulo de Tássio Borges da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente texto se insere nas atividades do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – IHAC da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB e em diálogos no grupo de pesquisa “Kijetxawê: Currículo, Diferença e Formação de Professores – CNPq/UFSB”. O mesmo tem como objetivos identificar e analisar práticas ciber culturais do/no Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. A pesquisa utiliza a conversa como metodologia de pesquisa, juntamente com a netnografia e *etnoprinfografia*. Assim, tivemos como campo empírico o Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, participando de conferências e encontros virtuais para a observação e diálogo com os (as) docentes e discentes indígenas, bem como *etnoprinfografias* em canais do *Youtube*, *sites* e páginas de redes sociais, registrando as práticas ciber culturais realizadas pelo Colégio e seus/suas membros (as).

**PALAVRAS-CHAVE:** Cibercultura. Pataxó. Educação Escolar Indígena.

**ABSTRACT**

This text is part of the activities of the Postgraduate Program in Teaching and Ethnic-Racial Relations – PPGER, at the Institute of Humanities, Arts and Sciences – IHAC of the Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB and in dialogues in the research group “Kijetxawê: Curriculum, Difference and Teacher Training – CNPq/UFSB”. It aims to identify and analyze cybercultural practices of/in Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. The research uses conversation as a research methodology, along with netnography and ethnoprinfography. Thus, we had as an empirical field the Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, participating in conferences and virtual meetings for observation and dialogue with indigenous teachers and students, as well as ethnoprinfographies on Youtube channels, websites and social media pages, registering the cybercultural practices carried out by the College and its members.

---

**Submetido em:** 06/02/2023 – **Aceito em:** 10/07/2023 – **Publicado em:** 04/08/2023

<sup>1</sup> Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER-UFSB). Especialista em Engenharia de Sistemas pela Escola Superior Aberta do Brasil. Graduado em Ciência da Computação pela Faculdade Pitágoras de Teixeira de Freitas (2008). Possui Licenciatura Interdisciplinar em Matemática, Computação e suas Tecnologias pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). É membro do Grupo de Pesquisa Kijetxawê: currículo, diferença e formação de professores(as) – CNPq. E-mail: [aelcio@gmail.com](mailto:aelcio@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pelo PROPed-UERJ, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Linguística e Línguas Indígenas pelo Museu Nacional da UFRJ. É professor adjunto na Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Grupo de Pesquisa Kijetxawê: currículo, diferença e formação de professores(as) – CNPq”. E-mail: [paulodetassiosilva@yahoo.com.br](mailto:paulodetassiosilva@yahoo.com.br)

**KEYWORDS:** Cyberculture. Pataxó. Indigenous School Education.

#### RESUMEN

Este texto forma parte de las actividades del Programa de Posgrado en Enseñanza y Relaciones Étnico-Raciales – PPGER, en el Instituto de Humanidades, Artes y Ciencias – IHAC de la Universidad Federal del Sur de Bahía – UFSB y en diálogos en el grupo de investigación “Kijetxawê : Currículo, Diferencia y Formación Docente – CNPq/UFSB”. Tiene como objetivo identificar y analizar las prácticas ciberculturales del/en el Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê. La investigación utiliza la conversación como metodología de investigación, junto con la netnografía y la etnoprntografía. Así, tuvimos como campo empírico el Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, participando de conferencias y encuentros virtuales de observación y diálogo con los profesores y alumnos indígenas, así como etnoprntografías en canales de Youtube, sitios web y páginas de redes sociales, registrando las prácticas ciberculturales realizadas por el Colegio y sus integrantes.

**PALABRAS CLAVE:** Cibercultura. Pataxó. Educación Escolar Indígena.

#### UM INÍCIO DE CONVERSA...

O presente texto se insere nas atividades do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – IHAC da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB e em diálogos no grupo de pesquisa “Kijetxawê: Currículo, Diferença e Formação de Professores – CNPq/UFSB”. A pesquisa teve como objetivos identificar e analisar práticas ciberculturais do/no Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê. Como aporte metodológico, utilizamos a conversa como metodologia de pesquisa, juntamente com a netnografia e a *etnoprntnografia*, que possibilitaram dialogar com os dados da pesquisa de forma diversificada, dinâmica, interativa e participativa, especialmente no contexto pandêmico. Por meio de encontros virtuais e presenciais, observamos e desenvolvemos conversas com os(as) docentes e lideranças indígenas, importante recurso para percebermos diferenças, similaridades, história, cultura, língua e vivências; bem como *etnoprntgrafias* em canais do *Youtube*, sites, aplicativos e redes sociais (com imagens de domínio público), registrando as práticas ciberculturais realizadas pelo Colégio e seus/suas membros(as).

Partindo da premissa de que a vida e o conhecimento são indissociáveis, Marques (2018) ao prefaciá-lo o livro “conversa como metodologia de pesquisa: por que não?” instiga a pensarmos a pesquisa para além da construção de conhecimento, mas como instrumento de

transformação de vida, descobrindo novas possibilidades, rompendo limites impostos, transgredindo regras colonialistas e até gramaticais (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018).

Sobre a etnografia, esta acompanha a antropologia enquanto método e teoria, sendo dada por Geertz como uma “descrição densa” - a forma de relatar o maior número possível e da forma mais minuciosa, levando em consideração todas as particularidades e fatos da vida social pesquisada, buscando mais significados do que respostas (GEERTZ, 2008). Na pesquisa utilizamos a netnografia, tendo o ciberespaço como *locus* de pesquisa, interpretação e composição desta “descrição densa”. Segundo Tavares e Paula (2014), “a netnografia surgiu para tornar possível o estudo de diferentes contextos sociais virtuais, tanto para analisar a formação de grupos de consumo e do surgimento de vínculos emocionais, quanto para compreender a formação de comunidades, costumes e socialização” (TAVARES; PAULA, 2014, p. 1627).

Já a *etnoprinfografia* (BORGES, 2019), consiste numa abordagem metodológica, que soma elementos da netnografia, com o uso de *prints* na escrita e registro de ciberculturas. Baseada na concepção de etnografia interpretativa de Geertz (2008) e na etnopesquisa implicada de Macedo (2012), Borges (2019) cunhou o termo *etnoprinfografia*, um dispositivo de aprendizagem e análise do cotidiano representado em meio digital por *prints*, “fotografias da tela”. Borges e Rodrigues (2021, p. 42) definem *etnoprinfografia* como sendo “[...] dispositivos de aprendizagens, que colaboram na compreensão dos desafios enfrentados nas lutas por pertencimentos, inclusive da potencialidade das imagens e fotografias como validade científica que falam por si só”. Assim, indo além da etnografia e sendo considerada pelas autoras, associada à educação, como uma metodologia de pesquisa *online* para a desconstrução do olhar.

O fato de termos escolhido a *etnoprinfografia* para representar os elementos culturais e cotidianos do Povo Pataxó na cibercultura, dá-se pela imensa quantidade de informação que se pode extrair de uma imagem, sendo elas abertas a diversas interpretações, sem que não necessariamente apenas uma possa ser considerada verdadeira. Sendo por si só, essa

multiplicidade de sentidos, uma grande vantagem em seu uso em pesquisas voltadas à educação, principalmente em uma educação diferenciada.

A imersão na era da tecnologia digital, principalmente no que diz respeito à troca de informações rápidas e interativas, tem-se mostrado uma possibilidade na educação escolar indígena, na manutenção e difusão dos seus conhecimentos, crenças e idiomas, apesar das dificuldades encontradas devido à falta de uma infraestrutura adequada, apontando para a necessidade de investigações acerca da acessibilidade e aplicabilidade de tecnologias digitais nas comunidades indígenas.

Não se pode negar que as gerações mais novas têm tido uma maior intimidade com as tecnologias digitais, especificamente com a internet, por meio de aparelhos móveis de telefonia, sendo evidenciada durante essa pesquisa, realizada durante a pandemia, a partir de março de 2020. Na ocasião, o mundo enfrentou o Coronavírus, obrigando as pessoas a se manterem em isolamento e o distanciamento social, conforme orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS). Este momento fomentou o crescimento da utilização das tecnologias digitais para comunicação, visto que a população não viu outra forma de interação e de manter a comunicação, serviços, comércio e educação. Entretanto, diante das desigualdades existentes, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, grande parte da população não tem o acesso aos meios tecnológicos necessários para manter essa dinâmica de socialização digital, ou o tem de forma deficitária.

No contexto pandêmico, os(as) professores(as) foram obrigados(as) a utilizar os meios digitais para ministrar as aulas, pois não podiam ter contato com os(as) estudantes fisicamente, sendo que a forma encontrada para manter as atividades escolares foi através do uso das tecnologias digitais, com o uso de ambientes e plataformas digitais e *web* conferências. Sobre essa circulação no ciberespaço protagonizada por todos(as) e bastante evidenciada pela juventude, com o Colégio Estadual Kijêtxawê Zabelê não é diferente. Os(as) jovens do colégio há anos vem atuando de forma educativa nas redes sociais, promovendo

visibilidade às lutas de suas comunidades e desconstruindo estereótipos, como podemos observar nas *etnoprintgrafias* abaixo da página de *Facebook* Jovens Indígenas.

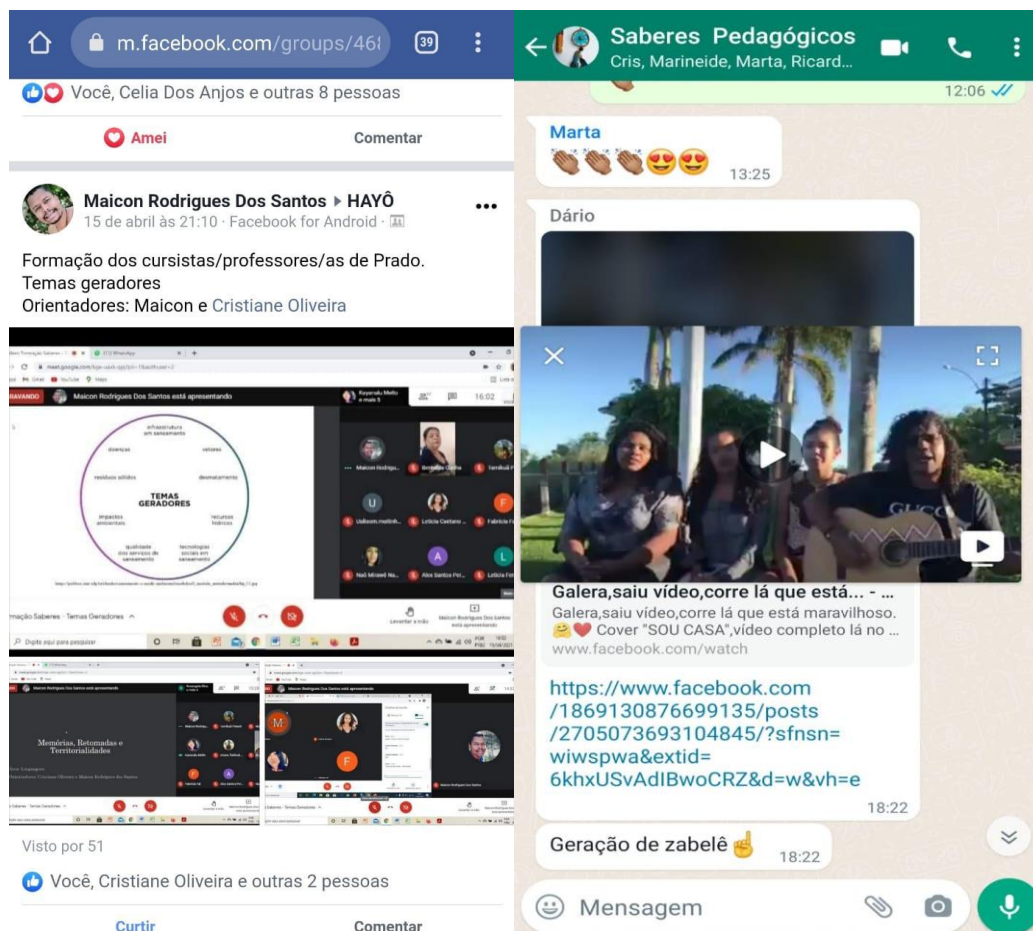


**Figura 01** – *Etnoprintgrafia* do *Facebook* das Jovens Indígenas

Fonte: @J.Ljovensindigenas

Além do *Facebook*, professores(as) do Colégio utilizam grupos de *WhatsApp* para troca de informações, partilha de materiais pedagógicos e formação continuada. Um exemplo disso é o grupo de formação continuada do Ação Saberes Indígenas na Escola, que funcionou durante a pandemia como local formativo, somando-se às formações que ocorreram pelo *Google Meet*. Cabe dizer ainda, que a professora Cristiane Pataxó, grande interlocutora desta pesquisa, é uma das orientadoras do programa de formação continuada Ação Saberes

Indígenas na Escola, e tem transitado pelas redes sociais e plataformas digitais de formação de professores(as). Vejamos abaixo *etnoprntgrafias* desses espaços:



**Figura 02** – *Etnoprntgrafia* do Facebook do grupo Hayô no Facebook e do grupo Saberes Pedagógicos no WhatsApp

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/468600664150415>

Ao circularmos pelos ciberespaços Pataxó, percebemos que a dinâmica dos ambientes *online* tem sido capaz de criar redes sociais de docência e aprendizagem, permitindo experiências significativas de aprendizagem nos diferentes espaçostempos da cibercultura. Silva e Santos (2009) nos dizem que é necessário que o(a) professor(a) esteja atento(a) para este novo cenário. Assim:

Não basta estar online. Não basta ter o acesso. Estar online não significa estar incluído na cibercultura. Internet na escola e na universidade não é garantia da inserção crítica das novas gerações e dos professores na cibercultura. Muitas vezes o professor convida o aprendiz a uma interface, mas a aula continua sendo uma palestra para a absorção linear, passiva e individual. Por vezes ele ainda permanece como o responsável pela produção e transmissão dos “conhecimentos”, das informações (SILVA; SANTOS, 2009, p. 38).

Neste sentido, partilhamos com esse texto como o Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê tem construído processos educativos na cibercultura. A cibercultura está presente cada vez mais em nossas vidas, como afirma Borges (2019):

[...] Os jovens que nasceram a partir de 2001 vivem permeados pelo digital em rede. Não conseguem viver sem internet. Os dispositivos móveis, como os *smartphones* e *tablets* conectados à internet, são as marcas diferenciadas da sociedade contemporânea e é também o que define a Cibercultura com a cultura do tempo presente (BORGES, 2019, p. 165).

Entre os principais instrumentos que caracterizam essa cultura do digital, que já está enraizada nos(as) jovens que já nasceram na era da internet, estão dispositivos móveis, a exemplo *smartphones*, *notebooks*, *tablets* e *smartwatches*, alguns com acesso a internet e diversos aplicativos, com as mais variadas funções, como redes sociais, geolocalização e muito mais, é praticamente um computador e um celular no pulso.

Apesar de grande parte dos núcleos do Colégio Estadual Kijêtxawê Zabelê ainda não terem internet em sala de aula, o que dificulta muito a troca de informações entre a sede e os anexos, alguns têm sinal de celular, funcionando o pacote de internet do mesmo, os chamados “dados móveis”, outros têm toda a estrutura para a implantação da internet banda larga, com antena via satélite, funcionando ou aguardando ser ligada.

Pudemos vivenciar essa dificuldade de locomoção e de comunicação, enfrentados pelos(as) professores(as) e direção do colégio para se comunicar com os núcleos nas aldeias. Até mesmo ligações telefônicas ou mensagens pela internet, tornam-se difíceis, pois algumas aldeias sequer têm internet, sinal de celular ou energia elétrica para todos. Tivemos a necessidade de ir às aldeias Monte Dourado e Alegria Nova, a primeira devido a distância que estávamos (em Cumuruxatiba), teria que atravessar muitos quilômetros de lama o que tornou

a ida inviável, sendo o que atrapalhou nossa visita à aldeia Alegria Nova foi a falta de sinal de celular, pois não tivemos como entrar em contato em tempo hábil com alguma liderança da aldeia, para que autorizasse a ida.

## SITUANDO O LÓCUS DA PESQUISA

De acordo com Silva (2014), a escola Kijetxawê Zabelê surgiu para atender à reivindicação das 120 famílias Pataxó, em busca do reconhecimento étnico e a retomada do seu território no Município do Prado, Território Indígena Kaí-Pequi, a terra indígena Comexatibá. O Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio inicia citando o art. 5º da Resolução CEB, N.º 3, de 10 de novembro de 1999, que fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e em seguida descreve o público a ser atendido (BRASIL, 1999). Não temos a data exata de elaboração do projeto, mas ele foi escrito depois de 2006, ano de criação do Colégio.

[...] é um instrumento intercultural, específico, diferenciado e referenciado nos meios e modos de vida, de organização e de produção do conhecimento, das identidades, das relações de alteridade, democraticamente discutido e elaborado, legitimado pelas organizações comunitárias locais, pelas lideranças, pelos mais velhos, pelos jovens e crianças (PPP, s/a, p. 11).

Observamos que a criação do colégio para oferecer “Educação Escolar Indígena Intercultural, Específica, Diferenciada e Bilíngue às crianças, jovens e adultos das aldeias” (PPP, s/a, p. 14) de Cumuruxatiba e seus arredores foi uma iniciativa da comunidade indígena da região, e que a elaboração do PPP foi uma construção coletiva, tendo assessoria do projeto de extensão da UNEB, “A Academia vai à Aldeia”, coordenado pela professora Maria Geovanda Batista.

O PPP apresenta um breve histórico do grupo étnico Pataxó de Cumuruxatiba/Kaí, com suas lutas e resistências. Para sobreviver, o grupo teve que enfrentar o “Fogo de 51”<sup>3</sup>, a cobiça e a ira dos fazendeiros e dos grandes interesses nacionais e transnacionais, os crimes praticados

---

<sup>3</sup> Invasão pela polícia local da aldeia Barra Velha, próximo a Porto Seguro, onde muitos(as) Pataxó foram presos(as), torturados(as) e mortos(as), tendo suas casas incendiadas, essa ação ficou conhecida entre eles como o Fogo de 1951.



por empregados, pistoleiros e gerentes da BRALANDA<sup>4</sup>, o combate violento e o processo de desterritorialização do Povo Pataxó. Nos anos de 1970, grandes empresas como a BRALANDA e FLONIBRA<sup>5</sup> se instalaram na região para exportar as últimas espécies da Mata Atlântica, com incentivos e proteção dos governos de Estado (PPP).

É importante destacar, que muitos indígenas refugiados das perseguições do fogo (da guerra) de 1951, encontraram acolhida segura junto aos seus parentes em Cumuruxatiba (PPP). Enfrentaram também a extração da madeira e da mineração da areia monazítica, a abertura do litoral para as atividades turísticas, o desmatamento da Mata Atlântica na região, desterritorialização, o empobrecimento, a miséria e a fome. A coleta, a caça, a pesca, a agricultura e a matéria-prima do artesanato ficaram cada vez mais escassas. Os Pataxó de Cumuruxatiba/Kaí sofreram pressão sobre a terra, sendo exposto ao crescente processo de especulação imobiliária e de exploração turística. Além da evasão territorial, também evadiram as direções e lideranças de organizações e ou instituições políticas, religiosas e educacionais.

A partir do ano de 2000, as famílias Pataxó do Extremo Sul da Bahia lutaram pela retomada, a demarcação de seu território imemorial e o direito à Educação Indígena Diferenciada em Cumuruxatiba e seus arredores, num processo de reconhecimento de sua identidade étnica (PPP). Bem antes de 2006, o Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual Indígena Kijëtxawê Zabelê, com educação diferenciada, começou a ser gestado (PPP):

[...] Nasceu do desejo coletivo dos membros da comunidade e da parceria entre professore(a)s indígenas e a UNEB em Teixeira de Freitas, através do Projeto de Extensão “A Academia Vai à Aldeia”. Assim, passamos a melhor qualificar nossa prática, nossas ações e, apontarmos novos rumos para a materialização de uma Escola Intercultural Diferenciada, Específica Pataxó: “uma escola diferente”. Mas, diferente, diferente de que, de quem? Nosso primeiro passo foi abandonar a escola dos brancos em Cumuruxatiba e nos vincularmos como anexo da Escola Indígena Pataxó de Corumbauzinho. A distância não permitia muita integração, nem autonomia. Queríamos uma escola nossa, com a nossa cara, em nosso território retomado, onde não houvesse discriminação ou preconceito, em que coubesse nossa tradição, a nossa cultura, sem culpa ou vergonha. Onde as carteiras pudessem ser

<sup>4</sup> Brasil Holanda de Indústria S/A (Bralanda).

<sup>5</sup> Florestas Nipo-Brasileiras (Flonibra), acusada de compra de terras oriundas de grilagem.

arrumadas de outro modo, sem que fosse preciso olhar para a nuca do outro (PPP, s/a, p. 9).

O Colégio, que comemora 17 anos de existência em 2023 e de valorização da cultura tradicional Pataxó, é uma conquista de um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988, fruto de intensas lutas e reivindicações do Povo Pataxó frente ao Estado pela educação escolar indígena, intercultural, diferenciada e específica de qualidade.

Atualmente, a sede e a secretaria do Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê ficam situadas no bairro Canta Galo em Cumuruxatiba, distrito do município de Prado-BA. O Colégio está presente em 6 aldeias, pois é um colégio nucleado, ou seja, além da sede, o Colégio possui 6 núcleos nas seguintes aldeias: Kaí, Tibá, Alegria Nova, Monte Dourado, Dois Irmãos e Renascer. O colégio atende atualmente as modalidades e níveis: Educação Infantil - creche para estudantes de 1 a 2 anos; pré-escola destinada para estudantes de 3 a 5 anos, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), com os Tempos Formativos I e II.

É importante destacar que, segundo a coordenação do Colégio, eles também atendem 8 estudantes com deficiência, todos com o espectro autista<sup>6</sup>. Embora, o apoio por parte da Secretaria do Estado da Bahia para atender este público seja insuficiente e os(as) professores(as) não possuam formação e/ou capacitação para atender os(as) estudantes com deficiência.

Em contato com a coordenadora por *WhatsApp*, fomos informados que o colégio conta com 48 servidores, sendo 6 profissionais dos serviços gerais, 6 merendeiras, 3 assistentes administrativos; e o quadro de professores(as) do Colégio conta com 33 profissionais, do qual 80% são graduados ou estão cursando graduações e licenciaturas interculturais, sendo 2 licenciados, 6 Pedagogos, 2 formados em licenciaturas interculturais, 4 cursando licenciaturas interculturais e os demais contam com o ensino médio. Apenas 1 é concursado, 29 deles (as) são indígenas e 4 não são indígenas.

---

<sup>6</sup> O autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome comportamental que afeta o desenvolvimento psicológico, motor, cognitivo, a linguagem e também a interação social (LOPEZ, *et al*, 2014).



De acordo com a coordenadora e professora indígena do colégio na aldeia Kaí, no ano de 2021, o colégio com seus núcleos atendeu um total de 258 estudantes matriculados(as) na rede Estadual. Abaixo descrevemos as 6 modalidades de ensino com o quantitativo de estudantes em cada uma delas:

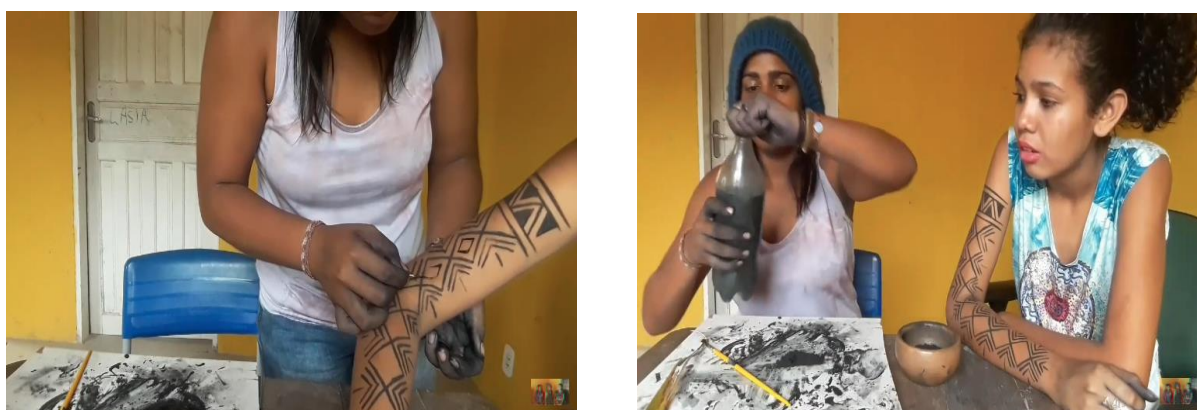
- Creche para estudantes de 1 a 2 anos - 15 estudantes;
- Pré-escola destinada para estudantes de 3 a 5 anos - 70 estudantes;
- Ensino Fundamental I - 65 estudantes;
- Ensino Fundamental II - 40 estudantes;
- Ensino Médio - 18 estudantes;
- Educação de Jovens e Adultos (EJA) - 50 estudantes.

No período pandêmico as atividades escolares remotas eram entregues na secretaria do Colégio. O planejamento destas atividades era realizado com os(as) professores(as) pela coordenação de uma professora que trabalha em desvio de função como pedagoga. Esse também foi um problema constatado na Educação Escolar Indígena na Bahia, a ausência de concurso e processos seletivos para coordenação pedagógica. Somente em 2022 o concurso foi realizado, mas até o momento os aprovados não foram nomeados. O concurso não contemplou todas as escolas indígenas e algumas escolas protestaram, denunciando ao Ministério Público da Bahia. O Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê foi uma dessas escolas que não foi contemplada com vagas no concurso para coordenador pedagógico indígena. Dentre outras dificuldades enfrentadas no contexto pandêmico, destacamos também a falta de transporte para atender os anexos com a entrega e retorno das atividades remotas.

## **O COLÉGIO KIJĚTXAWĚ ZABELÊ E ALGUNS DE SEUS FAZERES NA CIBERCULTURA**

Algumas estudantes do Colégio Estadual Indígena Kijexawê Zabelê estão presentes na plataforma de vídeos do *Youtube* com o canal de nome Jovens Indígenas no *link*:

<https://www.youtube.com/channel/UCfNiXX60BD6OeiT1A40wuxw/videos>, que está no ar desde 02 de julho de 2016, contando com mais de 1.600 inscritos e uma grande quantidade de vídeos, onde as alunas do colégio mostram o cotidiano da aldeia Kaí, mobilizações políticas, músicas, cultura, artesanato, eventos, culinária e mais uma grande quantidade de temas que envolvem o colégio, a aldeia e o modo de vida Pataxó.



**Figura 03** - *Etnoprintgrafia* do Canal de *Youtube* Jovens Indígenas - Pintura Corporal

Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCfNiXX60BD6OeiT1A40wuxw>

Na primeira *etnoprintgrafia*, feita no canal do *YouTube* Jovens Indígenas, que pertence à Aldeia Kaí/Cumuruxatiba-BA, temos o vídeo intitulado “Processo da pintura corporal”, que tem como duração nove minutos e doze segundos. No vídeo, jovens Pataxó explicam como é o processo de preparação para a pintura corporal, fazendo um passo-a-passo sobre a mistura e aplicação nas pinturas corporais, materiais utilizados e dicas. A atividade retratada no canal se refere a um momento de festa na escola, onde as estudantes estavam preparando a tinta para a pintura corporal. Além de servir como registro deste momento para a comunidade, o vídeo atua na divulgação da comunidade e dos conhecimentos indígenas à sociedade não indígena, podendo servir de material pedagógico para a Lei 11.645/2008, que obriga escolas públicas e privadas a inserirem as histórias e culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas em seus currículos (BRASIL, 2008), auxiliando nas propostas pedagógicas de professores(as) e escolas.



**Figura 04** - *Etnoprintgrafia* do Canal de *Youtube* Jovens Indígenas - Beiju e Farinha

Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCfNiXX60BD6OeiT1A40wuxw>

Na *etnoprintgrafia* acima, temos o vídeo que se chama “Vlog fazendo beiju e farinha”. O tempo de duração é de dezessete minutos e dezoito segundos, onde as jovens Pataxó descrevem a fabricação da farinha e do beiju, alimentos importantes para a subsistência das populações indígenas. Durante o vídeo, as jovens conversam e filmam a majé da aldeia, Dona Jovita, que participa ativamente do processo, aliando interculturalidades geracionais no contexto da cibercultura. No vídeo percebemos as relações intergeracionais que ocorrem entre as jovens e a majé da aldeia, momentos de interação que criam materialidades ciberculturais, extrapolando as fronteiras entre o virtual e o não virtual, e estabelecendo processos de construção cultural de remodelagens das tradições.



**Figura 05** - *Etnoprintgrafia* do Canal de *Youtube* Jovens Indígenas - Aula de Carimbos

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=b4XLuA1yxZM>

Na *etnoprinfografia* acima, temos recortes do vídeo intitulado “Aula de Carimbos”. O tempo de duração do vídeo é de seis minutos e trinta e seis segundos, onde é mostrada uma aula da oficina de carimbos, esses, usados para criar formas geométricas e adornos, elementos fortemente presentes na cultura dos povos indígenas. A aula de carimbos foi uma atividade desenvolvida pela escola na produção de um material paradidático. Interessante perceber, que enquanto as estudantes participam da oficina presencialmente na escola, elas também se revezam na gravação da aula, interagindo com o vídeo. Se a escola disponibilizasse uma boa internet essa aula poderia estar sendo transmitida de maneira síncrona para outras escolas indígenas, bem como não indígenas.

Na *etnoprinfografia* abaixo, temos recortes do vídeo com o título “Evento Negroindio”. O tempo de duração do vídeo é de quinze minutos e quarenta e oito segundos, mostrando os preparativos e a manifestação cultural Negroindio, que busca fortalecer a cultura e a história dos povos nativos da região, ocorrida em Cumuruxatiba, Prado-BA, em 2018.



**Figura 06-** *Etnoprinfografia* do Canal de Youtube Jovens Indígenas - Evento Negroindio

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0VW4WdIBkjo>

A partir das *etnoprinfografias* de atividades armazenadas no *Youtube*, onde muitas dessas foram feitas na escola, compreendemos que os fazeres tradicionais de ensino Pataxó têm colaborado para a circularidade de saberes tradicionais em situações de aprendizagem

(SILVA, 2014). Consideramos relevante o compartilhamento desses saberes por meio dos usos e de apropriações das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicações (TDICs), como computadores, *smartphones*, *tablets*, redes sociais, sites, *blogs*, entre outros elementos da cibercultura, para um letramento digital no contexto escolar indígena.

Se a Cibercultura é a cultura do acesso, possibilitando que as pessoas, independente da classe social, gênero, raça e idade, possam participar ativamente no ciberespaço como autoras da sua existência de forma criativa, o termo cultura de massa já não nos pertence mais, se queremos e lutamos por democratização do acesso à Internet, que este seja feito pelas pessoas reconhecendo a sua diversidade e as suas diferenças sem deslegitimar a produção do outro nem as suas participações, sejam elas quais forem (BORGES, 2019, p. 179).

Cabe pontuar, a necessidade de um maior engajamento político e governamental, com vistas à comunidade escolar indígena, no sentido de que os acessos aos meios tecnológicos digitais se popularizaram bastante com os *smartphones* e internet via satélite, recursos que já se encontram em algumas aldeias, e que podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem, manutenção e propagação do conhecimento da cultura específica de cada povo.

No contexto do letramento no Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, observamos também o que propõem Melià (1979) e Silva (1981), especificamente sobre a alfabetização indígena, propondo que esta deve ser construída em uma perspectiva comunitária, intercultural e bilíngue. Não basta ser uma “educação indígena”, mas uma educação para o indígena (SILVA, 1981) (SILVA, 2014). Esses teóricos têm nos ajudado a refletir sobre uma educação pensada pelo indígena, onde os elementos culturais de pertencimento estão presentes no processo de obtenção de conhecimento em interface com as tecnologias digitais de informação e comunicação, como observamos nas *etnoprinfgrafias* apresentadas acima.

Neste sentido, no saber/fazer contextualizado em diferentes povos, o indivíduo se baseia no conhecimento da cultura do seu grupo, utilizando elementos do cotidiano, e ao mesmo tempo, produzindo novos conhecimentos. Essa prática se assemelha às teorizações de Paulo Freire (1987), que procura o entendimento da realidade do indivíduo a partir da concepção de uma

educação transformadora, onde os(as) educadores(as), educandos(as) e comunidade sejam os atores principais do processo da formação. Para tanto, a escola deve oferecer subsídios aos educandos(as), com o objetivo de conhecer e problematizar a realidade que os(as) cerca e agir sobre ela, iniciando a partir do entendimento sociocultural e político que circunda a realidade. A construção do conhecimento deve partir da realidade do(a) educando(a), num processo em que ele(a) se sinta protagonista da aprendizagem, como presenciamos nas paisagens ciber culturais das jovens indígenas Pataxó.

### **PARA NÃO CONCLUIR...**

Nos diálogos realizados com lideranças indígenas, docentes e discentes, o tema da luta pelo território e pela demarcação está sempre presente nas narrativas, atrelada às lutas pela construção dos núcleos do Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, o acesso à Educação Escolar Indígena de qualidade, a afirmação da identidade cultural e territorial, a valorização da cultura, das tradições, dos saberes e da língua materna. Essas lutas e demandas têm encontrado na cibercultura uma maior visibilidade e a construção de novas linguagens reivindicativas.

Como observado pela pesquisa, embora tenham iniciativas das juventudes das escolas, professores(as) e outras lideranças, ainda há dificuldades na comunicação entre as comunidades que compõem o Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, ocasionando interditos nos diálogos das ações do Colégio e no processo de partilha de informações e conhecimentos - um ambiente étnico digital, para a divulgação e troca de informações, arquivos, conhecimentos e vivências, conforme as proposições de educadores(as) e estudantes.

Vida e conhecimento são aspectos indissociáveis, principalmente quando estamos falando dos povos indígenas, com uma cultura onde a transmissão oral é uma importante fonte de continuidade dos “saberes-fazer”. Assim, observamos que diversos conhecimentos também eram retratados e transmitidos por meio digital e da internet, como é o caso dos vídeos feitos





pelas estudantes do Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, no canal de vídeos do *Youtube* Jovens Indígenas, onde foram protagonistas com os(as) mais velhos(as) da aldeia.

A partir das *etnoprinfografias* do canal do *Youtube* Jovens Indígenas e outros espaços ciberculturais construídos e agenciados pelos Pataxó, foi possível identificar práticas culturais educativas, como por exemplo, a fabricação de beiju e farinha, a pintura corporal, a criação de carimbos de forma artesanal e o evento Negroíndio, que no ciberespaço ganham outras possibilidades na composição de redes de aprendizagens. Esse trabalho realizado pelo Colégio Estadual Indígena Kijêtxawê Zabelê, sem apoio dos governos e do Estado, apresentando-se como uma prática pedagógica eficiente e eficaz a partir da cibercultura, onde as comunidades indígenas levam seus “saberesfazeres” para além das fronteiras dos seus territórios, construindo pelo ciberespaço aliados de lutas e desconstruindo representações coloniais acerca dos povos indígenas.

## REFERÊNCIAS

BORGES, L.; RODRIGUES, M. DO C. DE M. M. A Etnoprinfografia na Educação: O conceito de infância e o papel da fotografia no documentário nascidos em bordéis. **Abatirá** - Revista de Ciências Humanas e Linguagens, v. 2, n. 3, p. 28 - 47, 5 ago. 2021.

BORGES, L. M. **#Soudoaxé**: redes educativas e o ciberativismo da Juventude de Terreiro da nação Ijexá. 2019. 241f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 3, de 10 de novembro de 1999**. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf). Acesso em 02 abr. 2021.

BRASIL. **Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso: 20 jan. 2021.

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KIJÊTXAWÊ ZABELÊ. **Projeto Político Pedagógico** (PPP). Prado-BA, s/a.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A Interpretação das Culturas*. 1 ed., 13 reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 3-21.

LOPEZ-Pison J.; GARCIA-Jimenez MC.; MONGE-Galindo L.; LAFUENTE-Hidalgo M.; PEREZ-Delgado R.; GARCIA-Oguiza A.; *et al.* Our experience with the a etiological diagnosis of global developmental delay and intellectual disability: 2006-2010. **Neurologia**. 2014; 29(7):402-7.

MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Liber Livros, 2012.

MARQUES, L. P. A conversa como caminho metodológico na pesquisa com os cotidianos *In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Orgs.). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Prefácio. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 15-20.

MELIÁ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. 216p.

SILVA, A. L. **A questão da educação indígena**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, M.; SANTOS, E. O. dos. Conteúdos de aprendizagem na educação online inspirar-se no hipertexto. **Educação & Linguagem**. v. 12 n. 19, p. 124-142, jan.-jun. 2009.

SILVA, P. T. B. **As Relações de Interculturalidade entre Conhecimento Científico Tradicional Pataxó na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão: 2014.

## Agradecimentos

Um agradecimento especial à Cristiane Oliveira (Jandaia Pataxó) e toda equipe do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.